

ANO 9  
AGOSTO  
2010

Nº 17  
PORTO ALEGRE • RS • BRASIL

SOCIEDADE  
PSICANALÍTICA  
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

Impresso  
Especial

1649/2003-DR/RS  
SOC. PSIC. POA  
ACF-RUA DA PRAIA SHOPPING

... CORREIOS ...



Envelopamento autorizado.  
Pode ser aberto pela ECT.

JORNAL DA SPPA

Órgão Oficial da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre



## Evento debate construções da alteridade

PÁGINA CENTRAL

1910 - 2010  
THE NEXT 100 YEARS



**IPA**  
INTERNATIONAL  
PSYCHOANALYTICAL  
ASSOCIATION

Artigo: Cláudio Laks  
Eizirik fala sobre os  
100 anos da IPA  
PÁGINAS 8 E 9



Encontro: Palestra  
sobre Persistência da  
Memória na abertura  
do ano científico  
PÁGINA 12

Cultura: Alice e Philip  
Roth  
PÁGINAS 10 E 11

Internet: Portal da SPPA  
PÁGINA 11

# O INÍCIO DE UM TRABALHO

Neste primeiro jornal do ano e da posse da atual gestão, saudamos todos os leitores e os convidamos a um rápido passeio pela vida societária em 2010. A atual diretoria compõe-se dos seguintes colegas aos quais dirijo meu mais profundo agradecimento pela disponibilidade, generosidade e confiança para trabalharmos em conjunto e em clima de mutualidade: Alda Regina D. de Oliveira - diretora administrativa; Carlos Gari Faria - diretor científico; Flávio de Oliveira e Souza - diretor financeiro; Jussara S. Dal Zot - diretora de divulgação e relações com a comunidade; Maria Cristina G. Vasconcellos - diretora de publicações; Nara Amália Caron - diretora da área da infância e adolescência; e Sérgio Lewkowicz - diretor do instituto. Assumimos imediatamente após a eleição em janeiro, quando firmamos nosso objetivo geral da gestão 2010/2011: Cuidar da Sociedade Psicanalítica, nossa casa de origem, através da escuta e da observação das necessidades, considerando os recursos disponíveis. Objetivar um ambiente institucional propício à integração e ao desenvolvimento científico de todos os membros.

Temos o propósito de incentivar o compromisso recíproco de engajamento e construção de um clima científico e amigável entre todos os membros da SPPA. Os movimentos cíclicos nas instituições foram lembrados. A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre vem de um movimento grande e importante para dentro da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), da Federación Psicoanalítica de América Latina (Fepal) e da International Psychoanalytical Association (IPA). A herança deste patrimônio institucional deixa-nos honrados e procuraremos cuidar da continuidade destes trabalhos de muitas ges-

tões anteriores a nossa. Ainda, em um natural movimento, à imagem das marés, agora queremos nos voltar mais ao interior da casa, aos bastidores, à "cozinha" do dia-a-dia. Cada membro também é vetor da realização deste propósito. Firmamos o incentivo para que cada colega se torne um elo nesta busca de estabelecimento de consensos entre os dissensos; de participação e responsabilidade desde o seu lugar, sua possibilidade e sua responsabilidade. Um clima institucional propício ao conforto e ao crescimento de todos resulta também da participação conjunta nas programações e reuniões. De nossa

***“Temos o propósito de incentivar o compromisso recíproco de engajamento e construção de um clima científico e amigável entre todos os membros da SPPA”***

parte, procuraremos não saturar com demasiados convites e ofertas de reuniões e programações. Sem nos empobrecermos, tentaremos resistir a este apelo consumista da atualidade.

Para levarmos adiante os trabalhos das presidências anteriores com identidade própria, seguiremos com objetivos dos quais saliento alguns: gradual introdução de seminários optativos em nossos programas de estudos; compromisso de discutir a viabilização econômica da formação analítica para as novas gerações de aspirantes; seguimento de nossas publicações; atenção ao nosso serviço de atendimento (CAP), ao nosso Núcleo de Infância e Adolescência (NIA), aos nossos funcionários e à nossa sede. Pessoalmente, estou à disposição para reunir-me na SPPA nas segundas-feiras, às 19h20min, com quem tiver alguma questão de inte-

resse, sugestão, queixa, contribuição. Criou-se uma possibilidade de regular para

\* **Ingeborg M. Bornholdt**



o diálogo com membros aspirantes, associados e efetivos dentro do incentivo ao compromisso recíproco de engajamento e construção de um bom clima institucional.

Finalmente, desejo partilhar com os leitores uma expressão do que Donald Meltzer denominaria de experiência estética. No vôo de regresso de Lima, Peru, onde participei do Encontro de Presidentes da Fepal e também da Febrapsi, ao refletir sobre o movimento psicanalítico mais restrito e local, nacional, latino-americano e internacional, senti-me impregnada de informações diversas e entusiasmada com as notícias das diferentes comemorações do centenário da fundação da IPA pelos pioneiros da psicanálise. O pai da psicanálise é lembrado e homenageado por muitas expansões de suas idéias. O método psicanalítico segue atual e vivo. Firmemente ancoradas nos fundamentos da psicanálise e da aniversariante centenária que a regula, protege e desenvolve, as diferentes sociedades psicanalíticas comemoram com programações científicas. Na SPPA estamos bastante engajados. Neste primeiro semestre, além de participação pública em debates e publicações, já realizamos dois simpósios comemorativos: o IV Simpósio sobre Pesquisa em Psicanálise da SPPA sobre "Alternativas na Avaliação dos Tratamentos Psicanalíticos" e o XII Simpósio de Psicanálise do Núcleo de Infância e Adolescência com o tema "Construção da Alteridade em Psicanálise de Crianças e Adolescentes".

Retorno ao vôo de regresso de Lima.



Há muita visibilidade e sinto um espaço-tempo de calma, reflexão e beleza após muito agito. Sobrevoamos a cordilheira dos Andes. A imagem pictórica é magnífica e deve estar ali há milhares de anos, com seus picos cobertos de neve acima de regiões desérticas e de lagos azuis. Serve como continente de apreensões e reflexões que quero compartilhar com vocês leitores. A beleza gigante que se revela pela pequena janela do avião também aparece no banco a minha frente. Ali se sentou uma senhora de traços típicos an-

poltronas a minha frente. É evidente que o clima de tensão e sofrimento foi substituído por outro de continência. Vejo o jovem agora lhe mostrando seu relógio e, após vários gestos, ambos riem e se aquietam novamente. Provavelmente ele lhe explicou sobre o fuso horário que fora anunciado pelo alto-falante do avião.

Valho-me destas imagens e, sobretudo, desta experiência emocional de testemunho do que se passou ali entre pessoas desconhecidas e anônimas. Prestou-se atenção, escutou-se a aflição, compreendeu-se e traduziu-se

Foto: Zauro Kowalski



**Diretoria da SPPA: gestão 2010/2011**

algo. Ali houve um encontro humano ou um verdadeiro encontro de mentes assimétricas. A sensibilidade e a capacidade empática deste jovem para com alguém desamparado é um luxo de condição interna. Talvez esta figura possa representar o coração do trabalho analítico. Através de procuras de sintonia com estados mentais de desamparo e sua compreensão em nós mesmos para possíveis acolhimentos e interpretações, podemos verdadeiramente transformar experiências emocionais, como Wilfred Bion o descreveu. Pequenas pausas de silêncio e de reflexão – ou, ainda, a análise pessoal – são plataformas das quais partimos e às quais retornamos para o encontro com nossos objetos internos, continentes e compreensivos capazes de não se evadir da dor, e sim procurar escutá-la para enfrentá-la e elaborá-la.

Agradeço o trabalho de cada diretoria e dessas às diferentes comissões. Formase uma vasta rede de trabalho conjunto entre muitos que nos permite seguir a caminhada e descobrir rotas possíveis.

Aliás, a senhora a minha frente dorme! Boa leitura, um abraço!

deu-se e traduziu-se algo. Ali houve um encontro humano ou um verdadeiro encontro de mentes assimétricas. A sensibilidade e a capacidade empática deste jovem para com alguém desamparado é um luxo de condição interna. Talvez esta figura possa representar o

coração do trabalho analítico. Através de procuras de sintonia com estados mentais de desamparo e sua compreensão em nós mesmos para possíveis acolhimentos e interpretações, podemos verdadeiramente transformar experiências emocionais, como Wilfred Bion o descreveu. Pequenas pausas de silêncio e de reflexão – ou, ainda, a análise pessoal – são plataformas das quais partimos e às quais retornamos para o encontro com nossos objetos internos, continentes e compreensivos capazes de não se evadir da dor, e sim procurar escutá-la para enfrentá-la e elaborá-la.

Agradeço o trabalho de cada diretoria e dessas às diferentes comissões. Formase uma vasta rede de trabalho conjunto entre muitos que nos permite seguir a caminhada e descobrir rotas possíveis.

Aliás, a senhora a minha frente dorme! Boa leitura, um abraço!

**\* Presidente da SPPA**



Rua General Andrade Neves, 14, Conj. 802  
CEP: 90010-210 - Porto Alegre, RS, Brasil  
Fone/Fax: 55 (51) 3224.3340  
E-mail: [instituto@sppa.org.br](mailto:instituto@sppa.org.br)  
Site: <http://www.sppa.org.br>

**PRESIDENTE**

Psic. Ingeborg Magda Bornholdt

**DIRETORA ADMINISTRATIVA**

Dra. Alda Regina Dorneles de Oliveira

**DIRETOR CIENTÍFICO**

Dr. Carlos Gari Faria

**DIRETOR FINANCEIRO**

Psic. Flávio de Oliveira e Souza

**DIRETOR DO INSTITUTO**

Dr. Sérgio Lewkowicz

**DIRETORA DE PUBLICAÇÕES**

Dra. Maria Cristina Garcia Vasconcelos

**DIRETORA DE DIVULGAÇÃO E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE**

Dra. Jussara Schestatsky Dal Zot

**DIRETORA DA ÁREA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA**

Dra. Nara Amália Caron

**COMISSÃO EDITORIAL**

Regina Pereira Klarmann (editora)

Maria Cristina Garcia Vasconcelos (coordenadora)

Carmen Sílvia Muratore

Márcia Padilla Knjnik

**JORNAL DA SPPA**

Tiragem: 3.000 exemplares

**Comercialização, produção e edição:**



Fone/Fax: (51) 3242.5256

Cel: (51) 8467.4246 e 9912.2444

E-mail: [gathancomunicacoes@uol.com.br](mailto:gathancomunicacoes@uol.com.br)

Msn: [gathancomunicacoes@hotmail.com](mailto:gathancomunicacoes@hotmail.com)

Site: [www.gathan.com.br](http://www.gathan.com.br)

**DIRETORIA**

J. F. Júnior e J. Brum

**JORNALISTA RESPONSÁVEL**

Léa Aragón - MTB 3918

**REVISÃO**

Josy Teixeira

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**

Sulnetweb

## Simpósio sobre Pesquisa em Psicanálise

Foto: Zauro Kowalski



**Simpósio ocorreu nos dias 16 e 17 de abril**

A quarta edição do Simpósio sobre Pesquisa em Psicanálise ocorreu nos dias 16 e 17 de abril, com apoio conjunto da Diretoria Científica, da Comissão de Pesquisa e da Diretoria de Divulgação da SPPA, e organizado pela comissão coordenada por Sérgio de Paula Ramos, composta ainda por Luiz Ernesto C. Pellanda, Jussara S. Dal Zot, Anette B. Luz, Angela Plass e Gustavo Soares. A presidente da SPPA, Ingeborg M. Bornholdt, abriu os trabalhos inserindo o evento nas comemorações do centenário da IPA e valorizando a iniciativa que renova as discussões sobre alternativas para avaliação dos tratamentos psicanalíticos. O coordenador Sérgio de Paula Ramos propôs um clima informal para que fosse possível “pensar em voz alta”, contribuindo para que se desenvolvessem trocas genuínas e também uma interação mais efetiva dos participantes.

No primeiro painel, Pellanda destacou

a importância de levar em conta a dimensão da complexidade na qual se insere o tipo de trabalho da psicanálise, na qual a busca não é por uma medição nos mesmos termos da medicina, mas sim pelas “evidências ocultas entre os grandes números”. Egberto Ribeiro Turato (psiquiatra e professor da Unicamp), que junto com José Alberto Zusman (doutor em psicanálise pela UFRJ e analista didata da

APRio3) também participou do debate, falou de sua experiência acadêmica, destacando a importância da pesquisa qualitativa e a inserção da psicanálise junto a outras ciências humanas. Segundo ele, o que se buscava seriam “nexos de sentido”, lidando com a “vivência dos processos” e considerando como simbólicos o sujeito e a sociedade. Zusman destacou a especificidade da psicanálise e do próprio psicanalista como pesquisador dentro de seu próprio ofício e linguagem, explorando a riqueza da diversidade e singularidade do trabalho analítico através dos casos clínicos, com o pré-consciente do paciente consistindo a base possível sobre a qual irá ou possa produzir pesquisa. Dessa forma o psicanalista seria em si um pesquisador, capaz de produzir a partir de seu trabalho, sem precisar “transformar-se” em pesquisador, usando outros métodos, saindo de seu lugar.

Já no segundo painel, no dia 17, houve

a participação dos grupos de estudos oficiais da SPPA. Os debates estenderam-se sobre diversos aspectos da pesquisa em psicanálise e sobre psicanálise, entre eles a busca de formas alternativas de trabalho. Maria Lúcia T. Nunes, que junto com Sidnei Schestatsky e César Luís de Souza Brito participou de um dos debates, sob a coordenação de Angela Plass, propôs a aplicação de conceitos psicanalíticos para discutir questões diversas. Pellanda, que participou novamente ao lado de Turato e Zusman, destacou as questões de ética e de legislação para estudos e reforçou a necessidade da aproximação dos grupos de pesquisa da Sociedade com a academia. Turato alertou para o perigo de se aceitar afirmativas pretensamente científicas nas quais as fontes não ficam claras. Schestatsky questionou os modelos apresentados, destacando a necessidade de novas propostas que permitam maior adequação e avaliações mais objetivas. O grupo avaliou ainda a afirmação de Ogden, propondo que o objetivo da psicanálise seja ampliado do continente-contido. Maria Lucrecia Zavaschi, que junto com Sérgio de Paula Ramos e a psiquiatra e mestre em psiquiatria da UFRGS Simone Hauck também participou de um dos debates, destacou a imensa tarefa de analisar e pesquisar ao mesmo tempo. Hauck trouxe o ponto de vista dos jovens profissionais já formados a partir do paradigma da complexidade e defendeu a importância da integração das ciências.

## Cafés Literários

Foto: Karen Borowski



**Café Literário de maio teve como tema Rachel de Queiroz**

Em 2010, já foram realizados quatro cafés literários, todos na Saraiva MegaStore do Moinhos Shopping, em Porto Alegre. Esse evento vem acontecendo há alguns anos e sua finalidade é o debate entre psicanálise e literatura, que sempre foi um vértice interessante da psicanálise. O primeiro Café Literário de 2010 ocorreu em janeiro e foi centrado na obra de Carlos Drummond de Andrade. Os convidados

para o debate foram Maria do Carmo Alves Campos (professora de Literatura da UFRGS, poeta e ensaísta) e Cláudio Laks Eizirik (analista didata da SPPA e ex-presidente da IPA).

Em abril, foi analisado o conto “A Menina dos Fósforos”, de Hans Christian Andersen. Debateram Regina Zilberman, doutora em Romanística, e a psicanalista e analista didata da SPPA Marlene Silveira Araújo. O evento de maio teve como tema Rachel de Queiroz e os debates foram conduzidos por Joana B. Figueiredo (doutora em Literatura Comparada) e Manuel Pires dos Santos (psicanalista e membro da SPPA). Cecília Meireles foi o tema do Café Literário de junho. Os debatedores foram Ana Maria Lisboa de Mello (especialista em Linguística, Letras e Artes com pós-doutorado em Paris e Grenoble, na

França, doutora em Linguística e Letras pela PUC/RS, professora e coordenadora do curso de Pós-Graduação em Letras da PUC/RS) e Karem Cainelli (psicanalista e membro da SPPA).

O encontro de julho ocorreu no dia 13 e teve como tema a obra de Gabriel García Márquez. Os convidados foram o escritor, professor, pianista e mestre em Física Nuclear pela UFRGS, Rafael Bán Jacobsen, e a psicóloga Rosângela Costa, membro da SPPA. Os próximos Cafés Literários terão como tema “Memórias do Subsolo”, de Fiódor Dostoiévski, em 10 de agosto; Fernando Pessoa e seus heterônimos, dia 14 de setembro; Leon Tolstói, em 19 de outubro; e “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, dia 9 de novembro. Filmes dos encontros já realizados podem ser encontrados no site da SPPA.

## IV Simpósio Interno Integrado

O IV Simpósio Interno Integrado entre a Associação dos Candidatos e o Instituto da SPPA aconteceu pela primeira vez em março, unindo o Simpósio à recepção aos novos membros aspirantes. O evento teve o objetivo de divulgar e discutir a produção científica dos membros aspirantes, com o intuito de proporcionar um momento de integração e troca de conhecimentos. A abertura dos trabalhos coube ao diretor do Instituto, Sérgio Lewkowicz, à presidente da Associação de Candidatos, Elisabeth Meyer Wolf, e à presidente da SPPA, Ingeborg M. Bornholdt.

O objetivo da Associação é representar os candidatos junto ao Instituto e também fora da SPPA. Outras finalidades são promover integração em encontros como o Simpósio Interno, estimular a produção científica e a participação efetiva dos aspirantes na SPPA. A associação mantém um elo com as associações de candidatos das outras instituições psicanalíticas do Bra-

sil e do mundo. Este foi o quarto ano de realização do evento, sempre com apresentação dos candidatos em seminários. Houve uma boa participação de membros da SPPA, produzindo uma troca teórica e científica bastante agradável. Como nos anos anteriores, os trabalhos serão publicados no mesmo formato da revista da Sociedade.

Na primeira etapa, foram apresentadas as obras de Nyvia Oliveira Sousa, autora de "Onde Coloco o Meu Divã? Um Lugar/Espaço em Formação"; de Sílvia Villa Verde Ribeiro, com "Algumas Considerações Sobre a Identidade Analítica"; de Cátia Deon Dall Agno, com "Do Corpo à Palavra: Considerações a Respeito da Aquisição da Linguagem". Seguiu-se o trabalho "O Acting-Out no Paciente Psicossomático: Uma Tentativa de Expressão para Além do Corpo?", de Elisabeth Meyer Wolf; o "Eco e Narciso na Relação Analítica: Uma Metáfora da Não Comunicação",

de Renato Moraes Lucas, e "Dialética Psicanalítica", de Cristiano Freitas Frank.

A segunda etapa iniciou-se com o trabalho "A Importância do Superego nos Tratamentos Psicanalíticos", de Betina Teruchkin. A seguir, Josênia H. Munhoz apresentou "Refletindo Sobre a Negativa no Trabalho de Freud e Depois Dele". Kátia Ramil Magalhães trouxe sua obra "Símbolo e Vida Onírica" e Marcelo Felipe apresentou "Vento Negro, Campo Afora: Construindo o Espaço Intersubjetivo". Na sequência, Cláudia Giacomet de Carli mostrou sua obra "O Método Analítico – Intersecção Entre Atenção Flutuante e Associação Livre" e Maria da Graça Motta apresentou "Baluarte e Terceiro Subjugador: Aproximações". Pouco antes do encerramento e do almoço de recepção aos candidatos, foi apresentado o trabalho do CAP da SPPA: "Vicissitudes do Campo Analítico com Pacientes do CAP".

## Instituto abre programação do ano

A aula inaugural do Instituto de Psicanálise da SPPA abriu a programação do ano no dia 8 de março, juntamente com a recepção aos novos alunos. A instituição está sob nova gestão que tem a liderança do diretor Sérgio Lewkowicz, com Viviane Mondzrak como secretária e Eleonora Spinelli como coordenadora do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP), que oferece tratamento psicanalítico de acordo com a renda familiar do interessado. As palestras de abertura foram de Viviane

Mondzrak, com o tema "A Inserção da Psicanálise na Ciência e na Cultura"; Germano Vollmer Filho, sobre "A Evolução da Teoria e Técnicas Psicanalíticas"; e Ruggero Levy, que abordou "Ética em Psicanálise".

O ano letivo iniciou-se com sete novos membros aspirantes em formação, número que vem crescendo a cada ano, como decorrência do reconhecimento da seriedade, consistência e ética na formação analítica oferecida desde 1963. São eles: Adriana Ribas, Adriana Pires, Ana Luiza

Wolf, Anna Paula Flores, Elena Tomasel da Silva, Lígia Somenzi e Tiago Crestana.

Lewkowicz reafirmou a intenção de "dar continuidade às atividades científicas e ampliar a possibilidade de oferecer seminários optativos". Também terão seguimento as revisões do programa teórico, atualizando e dinamizando o currículo. Com isso, segundo o diretor, "o Instituto espera continuar contribuindo para o aprimoramento contínuo da formação psicanalítica em nossa Sociedade".

## Bodas de Sangue

A apresentação da peça de teatro "Bodas de Sangue", seguida de debate, ocorreu nos dias 28 de maio e 4 de junho no Theatro São Pedro, em Porto Alegre. A peça, que é baseada na obra de Federico Garcia Lorca, tem direção de Luciano Alabarse e os debates ficaram a cargo de membros da SPPA. O primeiro teve a coordenação do psicanalista Carlos Gari Faria e reuniu o psicanalista Flávio Rotta Correia e o diretor da peça. No segundo, a coordenação foi do psicanalista Carlos Augusto Ferrari Filho e os debatedores foram o psicanalista César Luís de Souza Brito e novamente Luciano Alabarse.

Para César Brito, "a trama do destino é traçada nessa peça pela identificação dos filhos, noivo e noiva, com seus pais.

Não podem viver suas próprias vidas. Suas ânsias por liberdade decorrem das amarras inconscientes às identificações patológicas com os lutos de e por seus pais e não de uma genuína libertação. Trágico destino contra o qual Freud nos legou instrumentos técnicos e conceituais para combatê-lo resgatando a vida", destaca.

O psicanalista afirma ainda que "Bodas de Sangue é um texto que enfatiza a luta do homem contra a natureza de seu destino. Mas o destino é implacável e não permite outra saída. Freud periodicamente é citado entre as personalidades mais importantes da humanidade porque sua obra transformou radicalmente a forma do homem compreender a si mesmo. Até 1895, ano em que publicou seus estudos

sobre "Histeria", as explicações sobre os comportamentos humanos eram compreendidas mediante o uso de explicações externas ao sujeito, tais como vontade de deuses ou demônios e forças naturais ou sobrenaturais. Freud desvendou a forma complexa de nosso funcionamento mental inconsciente, cujos ditames dirigem nossas vidas. A partir de conceitos freudianos, passamos a ter outra compreensão sobre o chamado destino. Desde recém-nascidos, incorporamos aspectos da personalidade maternos e paternos, por "identificação". Assim funcionamos com características internalizadas de nossos pais ou seus substitutos afetivos. Essas identificações podem ser estruturantes de nossa personalidade ou patológicas", complementa.



# Evento debate construções da alteridade

Fotos: Karen Borowski, Zauro Kowalski  
Colaboração: Regina Orgler Sordi



**Evento teve boa presença de público**

Para contribuir com a discussão sobre alteridade, o Núcleo de Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, coordenado pela psicanalista Nara Amália Caron, promoveu de 13 a 15 de maio o evento “Construções da Alteridade na Psicanálise de Crianças e Adolescentes”. Sob o título geral ocorreu o XII Simpósio de Psicanálise de Infância e Adolescência, o XI Encontro Inter-regional de Crianças e Adolescentes da Federação Latino-Americana de Psicanálise e o Encontro Clínico da Associação Psicanalítica do Uruguai - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Foram debatidos aspectos clínicos em psicanálise de crianças e adolescentes e intercâmbios interdisciplinares sobre alteridade. O programa do evento girou em torno de três modalidades principais: “Intercâmbios Clínicos”, “Painéis Simultâneos” e “Diálogos e Experiências”.

Os intercâmbios clínicos abrangeram oito materiais de análise de crianças e adolescentes, dos quais seis foram trazidos por psicanalistas membros da SPPA, e dois por colegas da Associação Psicanalítica do Uruguai. Para discutir os materiais clínicos, a Federação Latino-Americana de Psicanálise esteve representada por Débora Regina Unikowski (Rio/3), Noemi Truscelli (Córdoba) e Marco Antônio Co-

rona (APM/México), e pela secretária da FEPAL/NIA, Silvia Simioni (AP de BA). Por sua vez, a Associação Psicanalítica do Uruguai foi representada pelas psicanalistas Stella Yardino, Ana Maria S. Rumi e Susana Garcia.

Os intercâmbios clínicos contaram com a participação das psicanalistas da SPPA/NIA e SBP de PA e SBPSP, como debatedoras dos materiais trazidos pelas colegas do Uruguai (Rute S. Maltz, Maria Lucrecia S. Zavaschi, Marlene S. Araújo, Maria Elizabeth Cimenti, Ana Rosa C. Trachtenberg, Vera Maria H. P. de Mello e Vera Regina J. R. M. Fonseca). Seguindo a orientação de intercâmbio que, antes de ser de supervisão, discute aspectos da clínica psicanalítica, o tema da alteridade foi exercitado pela abertura de uma ampla gama de visões teórico-clínicas, propiciadas pela apresentação dos materiais e pela reunião de colegas das diferentes sociedades psicanalíticas e/ou diversas regiões geográficas. Este foi um encontro de múltiplas vozes que contou, na composição das mesas, com a participação de vários convidados entre psicanalistas, historiadores, artistas, jornalistas, cineastas, todos profissionais ligados às ciências humanas.

A abertura oficial do evento teve a participação da psicanalista Vera Regina J. R. M. Fonseca que abordou o tema da “Tolerância à Alteridade”, trazendo sua experiência psicanalítica com pacientes autistas. Foi inaugurada a modalidade de mesas simultâneas, nas quais um psicanalista e um ou mais convidados das áreas humanas e

sociais discutiram, com a participação do público presente, as múltiplas visões sobre o tema da alteridade.

O painel “Heteroscopia: O Papel da Alteridade na História do Indivíduo e na História da Cultura” contou com o historiador e antropólogo Francisco Marshall (UFRGS), apresentando quatro grandes planos de exame ou observação do outro, presentes na história da civilização: o mito heróico, a sociologia do bárbaro, o complexo do povo eleito e os jogos do paganismo. Seguiu-se a apresentação do psicanalista Juarez Guedes Cruz (SPPA) que compartilhou a leitura de texto mesclando aspectos do futebol, vivências familiares e conceitos da teoria psicanalítica, como exemplos privilegiados onde o reconhecimento do outro mostrou ser o elemento diferencial para a compreensão daquelas experiências. A coordenação foi de Regina Orgler Sordi (SPPA).

A arte do cinema também esteve presente no encontro. O olhar sensível e agudo da diretora de cinema Ana Luiza Azevedo, para quem dirigir o filme “Antes que o Mundo Acabe” permitiu perscrutar a alma inquieta e criativa de jovens adolescentes, foi desenvolvido em mesa, junto com a atriz Mirna Spritzer e o psicanalista Ivan Fetter (SPPA). Nesta mesa, psicanálise e cinema tiveram diálogo original e criativo. A sétima arte também participou do trabalho intitulado “A Infância no Cinema: Uma Estranha Passageira”. Com uma vasta pesquisa sobre a produção cinematográfica do século XX, o psicanalista Paulo Fonseca (SPPA) tornou possível capitalizar em palavras e imagens momentos paradigmáticos da história da infância no cinema.

As imagens também estiveram no trabalho apresentado pelo psicanalista e diretor de teatro Julio Conte. A mesa inti-



**Diretoria da SPPA, painelistas e convidados**

tulada “Balada de Uma Geração” também contou com a participação do empresário Fernando Tornaim e o psicanalista Rui Annes (SPPA). Conte deu visibilidade ao que, no curso da história, não pode ser reconhecido por uma sociedade dividida entre a infância e a vida adulta. A juventude era um fato, mas para poder existir, precisou ser inventada, criada como um tempo para adolecer. Fernando Tornaim (Kazuka) falou sobre comunicação, marketing e adolescência, priorizando a ética como valor fundamental.

A mesa “A Família do Futuro”, composta pela jornalista Cláudia Laitano e a psicanalista Cátia Olivier Mello (SPPA), e coordenada pela psicanalista Eneida Maria F. Suarez (SPPA), analisou o exercício da paternidade na família contemporânea. As debatedoras ressaltaram a importância de retomar valores como coerência no exercício da paternidade e a ideia de que não há por que demonizar os problemas, nem apelar à terceirização das dificuldades presentes e futuras.

O tema sobre violência foi priorizado no evento. Violência que destrói a alteridade, que rompe com as esperanças, que corrói os trabalhos psíquicos necessários à constituição da subjetividade. As psicanalistas Helena Surreaux (SBP de PA) e Viviane Mondzrak (SPPA), na mesa coordenada por Paulo Berel Sukienik (SPPA),

abordaram as temáticas do desamparo que pode levar a expressões de violência, voltando suas preocupações para os caminhos e descaminhos na juventude atual.

Reunindo a promotora da Infância e Adolescência, Maria Regina Azambuja, a

antropóloga Fernanda Ribeiro (PUCRS) e a psicanalista Miriam de Santis (SPPA), sob a coordenação do psicanalista Carlos Gari Faria (SPPA), o painel “Descaminhos da Alteridade: Violência-Cultura” mostrou um panorama delicado e necessário das práticas de intervenção e pesquisa no campo da violência à criança e ao adolescente. A modalidade “Diálogos e Experiências” contou com quatro painéis, dos quais participaram Diza Gonzaga (Vida Urgente), Renato Piltcher (SPPA) e Josênia



**Josênia H. Munhoz, Diza Gonzaga e Renato Piltcher discutiram a morte de adolescentes provocadas por acidentes de trânsito**

H. Munhoz (SPPA). Foi discutido o tema da morte de adolescentes, provocada por acidentes de trânsito e associada à ingestão de álcool e drogas. Também houve espaço para a apresentação da iniciativa da ONG Vida Urgente.

Relatos de experiências estiveram presentes na apresentação de colegas da SPPA/NIA. O primeiro deles foi a pesquisa

“Focos de Ansiedade e Construção de Ideais de Crianças e Adolescentes”, apresentada pelas psicanalistas Rosaura Lemberg (SPPA) e Maria Geraldina R. Viçosa (SPPA), em painel coordenado pela psicanalista Angela M. Plass (SPPA). A pesquisa, de caráter quantitativo, coletou dados em diversas escolas públicas e particulares, com grande número de participantes. Os achados apontaram para a valorização atribuída pelos jovens ao ambiente familiar, o medo de perder seus pais e a importância dos amigos, entre os adolescentes.

O trabalho “Projeto Secretaria Municipal de Educação/SPPA”, apresentado pela psicanalista Mery P. Wolff (SPPA), comentado pela psicanalista Marli Bergel (SPPA) e coordenado pelo colega Vitor Mardini (SPPA), apresentou o projeto desenvolvido em convênio entre a SPPA e a SMED/Porto Alegre, há quatro anos. Por confluência de interesses na área da prevenção à saúde mental, o projeto congrega psicanalistas do NIA e assessoras e educadoras das creches conveniadas de Porto Alegre, num trabalho de grupos de reflexão sobre temas atinentes ao desenvolvimento emocional das crianças e dos seus cuidadores.

Ainda na modalidade “Diálogos e Experiências”, a convidada especial do Simpósio de Infância e Adolescência da SPPA, a psicanalista Vera Regina J. R. M. Fonseca (SBPSP), apresentou o painel “Transtornos Autísticos: A Psicanálise e suas Interfaces”, coordenado por Margaret Steigleder (SPPA). O evento produziu impacto muito positivo. A presença do público, prestigiando colegas de várias sociedades psicanalíticas, incluindo regiões próximas e distantes da América Latina, e convidados das várias áreas do conhecimento, deixa a certeza de que o debate foi frutífero e dá margem a novos encontros e aberturas.

# ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE OS 100 ANOS DA IPA



\* Cláudio Laks Eizirik

Fundada em 1910 por Freud e por um relativamente pequeno grupo de seus seguidores, a International Psychoanalytical Association (IPA) comemora neste ano os seus primeiros cem anos. Se observarmos alguns aspectos de sua evolução, percebe-se que seu crescimento quantitativo e qualitativo mostra de certa forma a evolução da psicanálise em seus múltiplos aspectos. Todos os principais autores psicanalíticos foram ou são membros da associação internacional. Em seus congressos têm sido apresentados os trabalhos seminais que caracterizam as principais tendências teóricas da disciplina. Os desenvolvimentos clínicos têm sido fruto de apresentações, discussões, eventos ou publicações vinculadas à IPA e o crescimento das instituições psicanalíticas tem inevitavelmente alguma relação com a associação: são da IPA ou, declaradamente, não o são. Foram e deixaram de ser ou deixaram de ser e, de alguma forma, voltaram a integrar seus quadros.

O que quero dizer é que, conforme se pode ler nos principais dicionários psicanalíticos, sejam eles organizados por membros da IPA ou não, a instituição ocupa um papel relevante, seja ela apresentada como algo necessário ou louvável, seja alvo de críticas ou acusações. Assim, a IPA vem acompanhando o evoluir da psicanálise e acolhe em seu seio as principais tendências, conflitos, cisões, discórdias, ressentimentos, inspiração. Talvez essencialmente haja certa ambivalência dos psicanalistas diante dessa estrutura que não cessa de crescer e ampliar sua área de ação, influência e abrangência em termos geográficos, teóricos, clínicos, de programas de ação e de objetivos institucionais.

A ambivalência oscila, pelo que posso perceber, entre aqueles que lhe conferem maior relevância (em geral os mais envol-

vidos na atividade institucional local, regional ou internacional) e os que a consideram um ser distante e quase inútil, além de caro. Além dos que admitem sua necessidade em termos da estruturação do ensino, do estabelecimento de padrões internacionais de formação, da organização de eventos e publicações e da constituição de novos grupos e do trabalho de distintas comissões que abrangem inúmeras áreas de interesse da psicanálise.

Naturalmente, tendo em vista minha própria experiência dos últimos anos, situo-me no grupo dos que lhe conferem maior relevância, pois pude testemunhar e tomar parte em inúmeros dos seus principais desenvolvimentos contemporâneos. Acompanhei, na Casa dos Delegados, a gestão do primeiro presidente latino-americano, Horácio Etchegoyen. Tomei parte mais ativa nos desenvolvimentos propostos e implantados por Otto Kernberg e Robert Tyson, já estive dentro do círculo executivo na administração de Daniel Widlocher e, por fim, exerci a presidência de 2005 a 2009, na companhia de Monica Armesto e outros colegas e amigos.

Mais do que celebrar os primeiros cem anos, o que em si já é uma façanha, talvez seja mais importante ressaltar alguns desenvolvimentos recentes. Penso que é algo artificial tentar situar as realizações de cada gestão, pois muitas iniciativas são continuadas ou acompanham várias gestões. Outras são modificadas, mas mantêm o espírito original e, além disso, há determinados setores que existem há muitos anos ou atividades que são parte constituinte da própria estrutura constitucional da associação. Com isso, esta é uma apreciação mais subjetiva do que objetiva, na qual destaco o que mais me chamou a atenção, pois pretendo mostrar o porquê de acreditar na relevância da IPA para a

psicanálise.

Na gestão de Etchegoyen, instalou-se a Casa de Delegados, ampliando a participação de presidentes de sociedades e instituindo o sistema bicameral (embora a decisão de criá-la tenha sido tomada na gestão anterior, de Joseph Sandler, sob a pressão dos presidentes de sociedades). Foi eliminado ainda o sistema de atas secretas do Conselho Executivo, aumentando a participação, a transparência e a democracia na instituição.

Na de Kernberg, inúmeras novas comissões foram criadas como a das "Nações Unidas", de "mulheres e psicanálise", de "extensão para a comunidade", de "psicanálise e universidade". Foi também ampliada a de "publicações", introduzida uma atividade científica mais intensa e regular junto com as reuniões do Conselho Executivo. Foi dado um grande incentivo, inclusive financeiro, para a pesquisa em psicanálise.

Na de Widlocher, foi criado o DPPT. Esse é um comitê destinado a financiar projetos que estimulassem a presença mais intensa das sociedades psicanalíticas nas suas respectivas comunidades. O objetivo foi de atrair mais pacientes para análise e candidatos para a formação analítica. Milhares de dólares foram investidos em dezenas de projetos inovadores nas três regiões da IPA, resultando em presença mais viva e direta da associação na vida de seus membros e sociedades. Cabe destacar que inúmeros projetos latino-americanos foram financiados. Ao mesmo tempo, teve início a discussão da necessidade de reconhecer a existência de distintos modelos de formação analítica.

Na nossa gestão, o DPPT foi mantido



nos primeiros anos. Ao mesmo tempo, foi criado o CAPSA, um programa de intercâmbio de atividades clínicas e teóricas entre as três regiões, que resultou também em dezenas de visitas cruzadas, produzindo um equilíbrio entre as regiões, na medida em que inúmeros analistas da América Latina apresentaram seu trabalho clínico nas outras regiões. Os debates sobre a formação analítica aprofundaram-se, até que se conseguiu a aprovação dos três modelos e sua inclusão e regularização nos estatutos da IPA. Em que pese o clima tenso e de confronto, que fez desse tema o mais desafiador daqueles quatro anos, foi possível obter um consenso e um inegável avanço quanto à formação analítica.

Outros aspectos relevantes do período dizem respeito ao início da formação analítica na China; à criação do Instituto Psicanalítico da América Latina; à criação dos comitês de informação pública, de psicanálise de pacientes velhos e estudos sobre o envelhecimento dos psicanalistas. Foram desenvolvidos estudos sobre o preconceito e comemoraram-se os 150 anos de nascimento de Freud na ONU. Houve grande ampliação das publicações, além do estabelecimento de novo website e de uma permanente comunicação com membros, sociedades e associações regionais, bem como a participação sem precedentes de analistas latino-americanos em todos os níveis da associação.

A gestão atual, de Charles Hanly, propõe novos desenvolvimentos que certamente serão destacados pelos colegas participantes. Se fosse destacar o que mais me impressionou nos anos em que estive participando ativamente da administração da IPA, não me fixaria nas complexas, muitas vezes tensas, e outras francamente tediosas e repetitivas reuniões do Board ou do Comitê Executivo. Nem nas principais decisões tomadas ou na organização e presidência dos congressos, com seus momentos de grande emoção, como a abertura do congresso de Berlim,

posse no congresso do Rio de Janeiro, reconhecimento no de Chicago. Tampouco na oportunidade de me dirigir a grandes platéias, até mesmo nos seus próprios idiomas, como nos congressos de língua francesa e italiana ou no da associação americana.

O destaque estaria na oportunidade de contatos pessoais ou em pequenos grupos nas três regiões, seja para supervisionar material clínico, discutir problemas específicos ou conhecer as realidades locais, os consultórios analíticos, as diferentes culturas em que a psicanálise é criada a cada dia. A História desloca-se dos grandes movimentos e datas para o estudo de pequenos fatos e da evolução da mentalidade das pessoas. Por isso, penso que o essencial da psicanálise sempre esteve e continua estando dentro dos consultórios analíticos e na capacidade de cada analista de trabalhar da forma mais próxima possível com sua mente e a do paciente em cada campo analítico específico.

Tive a oportunidade de conviver, conversar, ouvir, observar e sentir a forma como inúmeros colegas, de todas as idades, formações, regiões e culturas analíticas, executam seu trabalho clínico e são capazes de relatá-lo, apresentá-lo e refletir teoricamente sobre ele. Desse modo, minha convicção é de que a IPA, como instituição maior da psicanálise internacional, continuará sendo instrumento de estímulo e vitalidade para o desenvolvimento da psicanálise nos próximos cem anos. Tudo isso na medida em que pudermos manter, desenvolver, proteger, estimular e reconhecer a importância decisiva desses pequenos espaços, encontros, avanços e recuos, que constituem, como diria o Poeta, a matéria de que são feitos os sonhos.

**\*Psicanalista, ex-presidente da IPA e membro da SPPA**

## Projeto SPPA/SMED 2010

As atividades do Projeto SPPA/SMED reiniciaram em abril sob a coordenação de Alice Becker Lewkowicz e Mery Pomeranblum Wolff. Neste ano está sendo retomado com uma adaptação da atividade já realizada em 2007 e 2008, que consiste no Projeto "Quem são Nossas Crianças?". Ele visa a atender a todos os educadores e cuidadores de 15 creches conveniadas que participaram do Projeto da Mesa Educadora da UNESCO, em 2009. No segundo semestre, a ideia é retomar o modelo já trabalhado em 2009, mais direcionado às discussões em pequenos grupos. A proposta é privilegiar a experiência dos educadores e exercitar, através do referencial psicanalítico, a reflexão como modelo de busca de novas possibilidades de compreensão e de ação.

## Lançamento: terceiro volume da Coleção Biblioteca SPPA



Foi lançado, no dia 4 de março, o terceiro volume da Coleção Biblioteca SPPA, que tem o título "Um Facho de Intensa Escuridão", de James S. Grotstein. Nesta coleção, fruto da parceria com a Artmed Editora, foram traduzidas para o português obras de importantes autores para a psicanálise contemporânea. A organização é de José Carlos Calich. Os volumes anteriores foram "O Trabalho do Negativo", de André Green, e "Esta Arte da Psicanálise", de Thomas Ogden.

## Falecimento

Ocorreu no dia 3 de junho o falecimento do psicanalista Bernardo Brunstein. A SPPA lamenta a perda deste grande profissional e envia seu pesar aos familiares.

**FILME:** Alice no País das Maravilhas

**Ficha técnica:** de Lewis Carroll (1865), levado ao cinema por Tim Burton, com Mia Wasikowska, no papel de Alice, e Jonhny Depp vivendo o Chapeleiro Louco.

**COMENTÁRIO:** Maria de Fátima Freitas (Psicanalista e membro da SPPA)



O filme apresenta as dificuldades vividas por uma jovem (Alice) na transição da vida infantil para a vida adulta. Por meio dos animais falantes e dos personagens “malucos” existentes no conto, a personagem Alice vive os medos, as inseguranças e os questionamentos presentes no seu desenvolvimento pessoal. Seu pai, por sua vez, procura lhe trazer explicações, consolos e soluções.

O cineasta apresenta uma Alice adolescente, nos seus 19 anos, vivendo um confronto com a mãe e sofrendo a falta do pai, após a morte dele. Destaca-se o trecho em que a menina aparece indignada com a mãe pela cobrança do uso de espartilho e de meias de náilon no traje de festa. Diante dessa situação, Alice reclama a falta do pai, comentando que ele a compreenderia. Parece, também, estar mostrando sua vontade de ficar como outsider daquele mundo adulto.

Na sequência o filme mostra uma menina despreparada para assumir uma relação adulta. Acaba descobrindo, por meio da irmã, que a festa é para comemorar seu noivado. Diante do altar e do suposto futuro marido, sua imaturidade floresce e acaba trazendo à tona seu mundo infantil. Com ele vêm todos os animais com quem conversa, brinca e se envolve no seu “mundo das maravilhas”. O Coelho Branco representa a fuga para o imaginário; se-

guindo-o, ela cai mais uma vez no buraco da árvore, por onde já tinha transitado em sua infância.

Em um primeiro momento, percebe-se a existência de um confronto entre quem era a Alice criança e quem é a Alice adolescente. Tal situação é muito bem representada pelo fato de não ter sido reconhecida por aqueles que habitavam seu mundo interno e pelo modo estranho com que ela enxergava tudo aquilo. Nesse ponto, parece estar em busca de sua identidade, dividida entre dois reinos: o branco (amor) e o vermelho (agressividade).

O clímax do filme ocorre no último diálogo, no qual surge o personagem Absolem, uma lagarta azul, que faz Alice se reconhecer como mulher, assumindo sua própria identidade. A cena simboliza a passagem da fase infantil para o desabrochar da fase adulta, na qual a lagarta, ainda no casulo, transforma-se em borboleta. A jovem deixa de ser Alice no País das Maravilhas e passa a associar seu nome ao de sua família.

O retorno de Alice ao mundo real passa a depender de uma última tarefa: vencer seus medos e suas angústias que, no filme, são representadas por um Dragão. A morte do Dragão representa a conquista da paz do seu mundo interno. Ao retornar do mundo de suas fantasias de menina, Alice assume o controle de seus desejos,

enfrenta suas dificuldades e passa a cuidar de si mesma. Decide não se casar, enfrenta seu cunhado, compreende o sofrimento da tia e assume um lugar na empresa que era de seu pai, acreditando nos ideais dele.

Torna-se interessante questionar e comparar a realidade em que vivem atualmente os jovens entre 12 e 19 anos no mundo real e a proposta do filme sobre as angústias que giram em torno da aquisição da independência e da identidade. Desde muito cedo não estariam eles sendo estimulados ou pela mídia ou pelos pais ou pela turma a terem postura de “rapaz” e “moça”? Com carros, bebidas, academias, noitadas e moda, como se já fossem homens e mulheres prontos para enfrentar o mundo. Será que não estamos fabricando “Alices” ou “falsas” mulheres com a aparência de pessoas adultas? Será que estamos esquecendo que estes jovens ainda precisam ser acompanhados e escutados? Será que não nos damos conta que estes meninos e meninas precisam ter, acima de tudo, suas dificuldades e limitações compreendidas? Que precisam de atenção e afeto dos seus responsáveis ou dos seus pais para balizarem suas inseguranças e dúvidas? Onde andam nossas fantasias de criança para nos sensibilizarmos, nos identificarmos e podermos nos aproximar mais de nossos adolescentes?



**AUTOR:** Philip Roth

**COMENTÁRIO:** Manuel Pires dos Santos (Psicanalista e membro da SPPA)

Philip Roth é o melhor escritor americano na atualidade. Recentemente foi honrado com a publicação de sua obra

pela Library of America – o único autor a conseguir isso em vida. Antes, já recebera todos os prêmios literários que um autor americano poderia almejar (National Book Award, National Book Critics Circle, PEN/Faulkner Award, Pulitzer Prize), alguns, mais de uma vez; no total, são 21 prêmios, desde 1960. Não é pouca coisa.

Seus livros são sempre leitura obriga-

tória. Não há como resistir. E, felizmente, Roth produz muito: tem publicado quase que anualmente (“Indignação” chegou há pouco e, neste momento, um novo livro acaba de ser traduzido – “Humilhação” – e já ficamos sabendo que outro – “Nêmeses” – será entregue em outubro ao público norte-americano). Roth está com 77 anos e não está satisfeito com o que vê, lê

e ouve. Em fotos, nunca aparece sorrindo. Diz não ter motivos para isso.

Mantêm-se em suas obras temas como sexo, o judaísmo americano, a política na vida de cada um e de todos, doença, velhice, morte, o que não significa repetição, mas desdobramento e transformação. Há autores que melhoram à medida que amadurecem. Roth melhora à medida que você amadurece. Seus livros oferecem uma leitura sem concessões. A vida é conflito, viver significa estar contra algo ou ter algo contra si: o esfacelamento (quase sempre) inevitável das relações amorosas, as perdas, a culpa, a doença, o envelhecimento, a morte. E não há como evitar nada disso, porque estão implícitos na condição humana. Também não há

como amenizá-los. É puro teatro grego em inglês.

Trata-se de um deprimido? Talvez. Roth vive sozinho, não tem família, não teve filhos, seus amigos de geração estão morrendo. "Se o seu amigo morre aos 83 e você tem 77, fica ao lado do túmulo, subtraindo e adicionando: tenho seis anos ainda, o que farei com eles?", disse numa entrevista à Folha de São Paulo. Nos seus últimos oito livros (de 2000 a 2010), velhice, doença e morte estão presentes. Sabemos que Roth é sempre (ou quase sempre) autobiográfico. Porém, seria muito simplismo apontar a depressão do autor para explicar, mesmo que em parte, sua obra.

Roth é acima de tudo um lúcido, que não se deixa levar pela comiseração, auto-

piedade ou otimismo inconsequente. Sua consciência da condição humana o coloca numa posição radical. Radical no sentido marxista, de tomar as coisas pela raiz, pela base. Felicidade não faz parte da vida, mesmo que a busquemos desesperadamente. Decididamente, não dê um Roth de presente de Natal ou aniversário ao seu melhor amigo. Mas Roth não se limita a isso. Ao mostrar o trágico na condição humana, leva-nos a ultrapassá-lo e seguir adiante a partir dessa compreensão. Sem pessimismo, sem autoindulgência. Não há como definir a boa literatura, mas a de Roth pode ser definida assim: desperta em nós a coragem de continuar vivendo, contra as Fúrias, contra o Destino, contra a Morte.

## INTERNET

# PORTAL DA SPPA

*\* Ana Cristina Pandolfo*

O advento e o crescimento da rede mundial de computadores, principalmente nos últimos 15 anos, representam uma das maiores revoluções tecnológicas da humanidade. Isso vem acarretando, de modo amplo e geral, mudanças na comunicação, nas relações, na economia, na difusão da informação e conhecimento e na cultura.

Os dados são impressionantes. Até 2012, estima-se que o número de usuários de computadores irá dobrar, chegando a 2 bilhões de pessoas. A cada dia, 500 mil novos internautas acessam pela primeira vez a internet. A cada minuto, são inseridos mais 20 horas de vídeo no YouTube e, a cada segundo, um novo blog é criado. Em 1982, havia 315 sites na web; hoje são 174 milhões. A internet tornou-se o terceiro veículo de maior alcance no Brasil, atrás apenas do rádio e da TV (To Be Guarany - estatísticas, dados e projeções atuais sobre a rede no Brasil). Em 2009, havia 67,5 milhões de internautas (Ibope/Nielsen) e o Brasil estava em quinto lugar entre os países com o maior número de conexões.

Este panorama mostra o quanto a web faz cada vez mais parte das vidas das pes-

soas. Seja por meio de correio eletrônico, fóruns, pesquisa e compras. Do ponto de vista científico, na divulgação do conhecimento e da psicanálise, se bem utilizada, pode ser um instrumento muito importante. A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, ao acompanhar essa tendência, disponibilizou na rede seu primeiro site em 1994. O desenvolvimento da informática e o aumento de recursos disponíveis levaram à necessidade de sofisticação. Em 2009, foi inaugurado o portal da SPPA. Nele, a partir da página inicial, imagina-se como uma porta de entrada, qualquer pessoa no mundo com acesso à internet pode conhecer a SPPA.

É possível acessar informações sobre a instituição, de modo geral: sua história, quem são os membros associados, como se caracteriza a formação psicanalítica, dentre outras. Além disso, o visitante pode ter acesso a informações, notícias, serviços, eventos, links para sites afins, bem como conhecer a revista, a biblioteca e as publicações. Nossa preocupação tem sido a de oferecer um espaço com conteúdo, onde o internauta encontre, além da informação que procura, a psicanálise in-

teragindo com a cultura e com a sociedade. Assim, filmes são comentados, vídeos dos "cafés literários" são oferecidos na íntegra, entrevistas com grandes nomes da psicanálise internacional, nacional e local estão disponíveis e a agenda dos principais eventos da SPPA, da Febrapsi, Fepal e IPA está sempre atualizada.

Temos uma área restrita que possibilita manter um canal de comunicação com os sócios, onde ocorrem fóruns de discussão e divulgação de trabalhos. Contudo, o mais importante deste novo modelo passou a ser a ampliação da veiculação de informações para interagir com o público. No link Fale Conosco é possível aproximar a psicanálise da comunidade. Dessa forma, ao investir na criação e na manutenção de seu portal, a SPPA busca divulgar a psicanálise e ampliar o diálogo com a comunidade, que passa a ter mais esta via de acesso a nossa instituição.

*\* Psicanalista,  
membro associado da  
SPPA, Coordenadora da  
Comissão da Home Page da SPPA*



# Palestra sobre Persistência da Memória na abertura do ano científico

O médico e cientista argentino Ivan Antônio Izquierdo foi o palestrante da conferência “Persistência da Memória”, na abertura do ano científico da SPPA no dia 4 de março. A solenidade foi aberta pela presidente Ingeborg M. Bornholdt, com a coordenação do diretor científico, Carlos Gari Faria. Izquierdo mostrou o que existe de mais recente em termos de persistência da memória, enfatizando uma mudança de paradigma. “Sabe-se agora que existe uma fase que ocorre depois da consolidação da memória, que se refere à persistência, e que se caracteriza por ser um processo relacionado, mas distinto da consolidação”, afirmou. A conferência despertou bastante curiosidade da plateia, especialmente no que se refere à prática psicanalítica, onde a memória tem um papel de extrema importância.

Izquierdo dedica-se ao estudo da neurobiologia da memória e do aprendizado e embora tenha feito sua formação na Argentina, em 1978 mudou-se para Porto Alegre, onde, por mais de 20 anos dirigiu o “Centro da Memória” no Departamento de Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor titular de Neurologia nessa Universidade, onde orientou mais de 90 alunos em trabalhos de pós-graduação. O pesquisador publicou cerca de 600 trabalhos, vários livros e recebeu mais de 50 prêmios, entre eles a maior comenda brasileira, a Ordem do Rio Branco. É também Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Nacional de Córdoba, professor honorário da Universidade de Buenos Aires, membro da Academia Nacional de Ciências dos EUA e diretor da Academia Brasileira de Ciências. Atualmente trabalha como coordenador do “Instituto do Cérebro” na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. O médico tem inúmeras contribuições originais para a compreensão das bases celulares do armazenamento e evocação da memória.

A história da consolidação da memória teve início em 1900, quando foi entendida como processo em que primeiro é adquirida, depois consolidada. Entre 1992 e 1997 foi estudada como um processo dividido em dois tipos: um deles, com duração de duas a seis horas, começa logo após a aquisição e ocorre no hipotálamo em mecanismos celulares idênticos aos da memória de longa duração; outro que ocorre

na base lateral da amígdala, BLA, tem mecanismos diferentes, com alterações enzimáticas semelhantes. Recentemente se constatou a existência de algo chamado consolidação de sistemas, que tem início logo após a consolidação celular e ocorre fora do hipocampo, provavelmente no neurocortex. Seu desenvolvimento se dá por horas ou dias, fazendo com que essas memórias durem muito tempo.

Inúmeros sistemas enzimáticos foram estudados, relacionando substâncias estimulantes e bloqueadoras da consolidação da memória após o treino. Descobriu-se que existe uma proteína relacionada à consolidação das memórias, não à formação delas, que deve ser sintetizada localmente, cuja ação é o aumento das sinapses, e que se chama BDNF. Essa proteína é necessária e suficiente para fixação da memória; promove a persistência das lembranças de longa duração estocadas e necessita, para sua ativação, da enzima EKR.

Outro estudo relacionado à persistência aborda os fatores que a reduzem. Neste ponto entra o fator idade, que começa a partir dos 40 anos e vai aumentando, fazendo com que as memórias antigas estejam mais presentes do que as recentes. Há relatos que indicam que o idoso prefere as lembranças da juventude, quando tinha mais alegria que nos dias recentes, cheios de perdas e tristezas. Existem ainda memórias que simplesmente persistem muito pouco, independente da idade, e que se relacionam com a importância que se dá a elas. Ou seja, a persistência diminui claramente com a idade e com a pouca importância que se dá ao fato a ser memorizado.

Izquierdo explicou que a consolidação da memória e a persistência estão diretamente relacionadas à emoção, em proporção direta. A memória sem emoção não existe – nem nos animais – e a emoção está em tudo. Sobre a repressão como perda de memória consciente, afirma ha-

ver estudos que se ocupam de memórias perdidas por interferência emocional, mas que ficam registradas e são capazes de ser recuperadas. Essas memórias ficam no mesmo local, mas de outra maneira, sem estimulação dopaminérgica ou noradrenérgica, ou sem acesso ao BDNF e de outros estímulos ou associações, como reservas da memória. A repressão está muito próxima da extinção e envolve aumento da atividade ventromedial do córtex pré-frontal e diminuição da atividade da amígdala. Esse aspecto está menos ligado à persistência e mais a um novo aprendizado: o indivíduo aprende a reprimir, a extinguir e deve, então, aprender a desreprimir.

O médico destacou que um novo olhar sobre o mesmo acontecimento pode ser um fator terapêutico de efeitos bioquímicos formidáveis no hipocampo e na amígdala. “É realmente importante para a consolidação e a persistência da memória”, disse Izquierdo. Lembrou ainda que, sobre o a posteriori, o que se sabe é que em uma memória antiga insere-se uma nova. Elas se unem e formam um novo complexo. “Isso é muito comum e, possivelmente, é o que ocorre nesse caso, assim como em várias situações não traumáticas”, explicou. Por fim, esclareceu que memórias são recuperadas pelo investimento afetivo sistemático da relação analítica e é o afeto e a emoção que favorecem o retorno dessas memórias. Sobre lembranças encobridoras, o conferencista disse que Pavlov foi o primeiro a estudar o assunto, mas que foi “atropelado” pelas descobertas de Freud. Ele denominava essas lembranças de “inibição condicionada”, referindo-se a reflexos que agiam sobre outros e inibiam os primeiros. O assunto, bem como a extinção de memória, continua sendo estudado, principalmente nos EUA, no tratamento de estresse pós-traumático.

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS		
<input type="checkbox"/> MUDOU-SE	<input type="checkbox"/> INSUFICIENTE	
<input type="checkbox"/> RECUSADO	<input type="checkbox"/> CEP	REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL
<input type="checkbox"/> DESCONHECIDO	<input type="checkbox"/> NÃO EXISTE O NUMERO	EM ____/____/____
<input type="checkbox"/> FALECIDO	<input type="checkbox"/> INDICADO	
<input type="checkbox"/> AUSENTE	<input type="checkbox"/> INF PORTEIRO/SÍNDICO	____ VISTO - RESPONSÁVEL
<input type="checkbox"/> NÃO PROCURADO	<input type="checkbox"/>	